



DIÁRIO DE NOTÍCIAS	-5. OUT. 1979	DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

Uma mulher virada ao futuro

Para Maria de Lurdes Pintasilgo, um presente de cem dias ou de dez horas não é obstáculo a que se lancem os alicerces do futuro. Disse-o ela própria no discurso do seu acto de posse do cargo de primeiro-ministro. Confirmou-o inteiramente na sua recente intervenção na Assembleia Geral das Nações Unidas

Helena Marques

Sem pretender diminuir, nem sequer julgar, a actual equipa governamental, havemos de convir que, por maior que seja a sua democraticidade interna, está condenada, por uma inevitabilidade imutável como a das forças cíclicas da natureza, a um papel menor e sempre apagado face à personalidade de Maria de Lurdes Pintasilgo e à urgência aparentemente inesgotável, da sua necessidade de intervenção.

No discurso que proferiu no acto de posse do seu cargo de chefe do Executivo, há um escasso mês e meio, Maria de Lurdes Pintasilgo, antecipando-se a qualquer crítica ou a qualquer interpretação menos rigorosa, apressou-se a clarificar certas passagens do seu discurso, mais decididamente voltadas ao futuro, ou seja, projectadas num horizonte que se abria mais largo e mais longe do que os cem dias do seu mandato.

Lamento não ter aqui, neste hotel de Manhattan onde escrevo poucas horas depois da intervenção do primeiro-ministro português nas Nações Unidas, o texto do discurso proferido no acto de posse do V Governo constitucional. Mas é consulta bem fácil para quem está em Lisboa, encontrar a passagem, nitida e frontal como, de resto, todo o texto, em que Maria de Lurdes Pintasilgo afirma que as limitações do presente não podem nem devem ser desculpa para não preparar e planificar o futuro.

A invasão do futuro

Os anos setenta estão a morrer, viva a década de oitenta! Esta poderia ser, em linguagem popular, a mensagem telegráfica do discurso das Nações Unidas. De facto, Maria de Lurdes Pintasilgo, no seu estilo elaborado, cuidado, curiosamente fabricado em tecnologia em poesia e em preocupação social, escreveu: «Com a década de 80, o futuro invade-nos, sacode o presente a que estamos acomodados, interpela-nos sobre os traços deixados na história e interroga-nos sem transigência sobre o futuro que antevemos e preparamos. O encontro com a nova década é assim o encontro com a possibilidade de um projecto comum da humanidade.»

«Of the record», ou mais exactamente fora do plenário das Nações Unidas, Lurdes Pintasilgo diria considerar que a Organização das Nações Unidas estava há demasiado tempo debruçada sobre os mesmos temas e as mesmas preocupações e que era altura de ocupar-se das novas exigências do mundo contemporâneo.

Ela, pois, de novo, enérgica e, impaciente, querendo acelerar o passo do mundo em direcção das soluções por que clamam os homens, na sua individualidade, e os povos na sua história. Mas que soluções?

«O reforço dos valores culturais é hoje a linha por onde passa necessariamente toda e qualquer estratégia de verdadeira independência nacional. (...) trata-se da via original de cada caminho histórico.»



Fundação Cuidar o Futuro

O encontro com Cyrus Vance foi um ponto alto da viagem de Maria de Lurdes Pintasilgo

«E mais adiante, falando já dos direitos dos povos, refere «a possibilidade de cada homem escolher o seu destino, criar a sua história, dizer a sua palavra, acrescentar ao mundo natural e organizado que não fez o gesto pessoal que é a própria cultura em movimento — direito a ser diferente e a exprimir essa diferença.»

A via original de cada caminho histórico. O direito ao gesto pessoal que completa o

mundo. Esta é a condenação formal da massificação, do estado totalitário, das soluções por receita e encomenda. Este é o louvor do homem criativo e interventivo.

Um rosto moral para o futuro

É preciso, pois, abandonar os anos setenta e as suas falências. E também as suas vitórias. Uma e outras, porém, são passado e a

vida prossegue e a humanidade clama e reclama um mundo novo. Guardemos de setenta apenas as lições e a experiência, apenas a pedagogia. E vamos partir à construção do rosto moral do futuro. Foi assim que Maria de Lurdes Pintasilgo se dirigiu à Assembleia Geral das Nações Unidas:

«O que está em jogo não é somente uma mudança de forma de vida de todos nós, nem apenas um novo pragmatismo nas relações entre povos e países, nem sequer uma mera

(Continua na pág. seguinte)



«Venho de um país pobre e pequeno»

P. P. I.

PUBLICIDADE, PUBLICAÇÕES, INFORMAÇÃO, LDA.

GABINETE DE INFORMAÇÃO SISTEMÁTICA

Telefs. 36 69 12 - 32 64 54



RECORTES CLASSIFICADOS

IMPRENSA DIÁRIA

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	-5. OUT. 1979	DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

Uma mulher virada ao futuro

(Cont. da pág. anterior)

estratégia respeitável de sobrevivência internacional. Trata-se sobretudo da necessidade imperativa de juntos, pacientemente, desenharmos com fraternidade e à luz da nossa humana medida, o rosto moral que vem faltando ao relacionamento entre as nações. Nele se definirá o perfil do homem dos tempos novos, capaz de justificar a esperança na construção de um novo momento na civilização humana.»

E de novo encontramos a recusa da massificação e a preocupada intenção de valorizar o desenvolvimento cultural: «Não é por isso possível falar em termos mundiais quando não se afirma explicitamente o homem sin-

gular. É ele que é o princípio e o fim de todo o desenvolvimento, de todo o acto cultural, de toda a concepção política. A garantia das liberdades de cada homem deixa de ser problema restrito para ser um problema mundial.»

A medida do nosso futuro

E o caso português? Chega ele a aflorar sequer no discurso das Nações Unidas? Uma leitura atenta mostra que sim, principalmente quando Maria de Lurdes Pintasilgo refere, quase com transparência, «as limitações impostas do exterior».

«É na relação do homem com o seu enqua-

dramento natural e cultural, com o seu espaço e a sua história, que se encontra com o seu papel de transformação. E aí que se podem erguer as barreiras, impedindo o modelo único e que se devem criar, sobretudo, as expressões da cultura — de modo de viver e de ser — com a pujança necessária para estimular as tecnologias mais apropriadas, os sistemas económicos mais flexíveis, a afirmação de soberania mais rigorosa e mais tolerante. Ora, um tal processo de desenvolvimento não é compatível com as limitações económicas tantas vezes impostas do exterior, fixando taxas de inflação, de desemprego, quando não também o próprio aumento da riqueza. Constrangimentos deste tipo criam afinal, no seio de regiões inteiras ou na vida de um povo, a fixação

irreversível, a médio ou a longo prazo, do tipo de actividades científicas, técnicas, comerciais, impedindo-as de estarem verdadeiramente ao serviço de um povo e da sua cultura. São assim a negação do próprio desenvolvimento.»

Qual será, pois, a medida do nosso futuro? Na perspectiva de Maria de Lurdes Pintasilgo, essa medida será a nossa vontade, a nossa inventiva, o nosso gesto pessoal, a nossa verdadeira identificação cultural. E também, e muito decididamente, a solidariedade internacional que, num projecto de futuro colectivo, terá de assumir a forma de «uma nova ordem internacional que transcenda os planos exclusivamente económico e político, para se situar também no plano social, cultural e da informação».